

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.



AH! MAROTO!

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *O episcopado brasileiro*.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 56.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Padre Agostinho de Montefeltro; Antiga Grecia—O Apogeo e a Decadencia*, por \*\*\*; *A representação da classe medica portugueza contra o ultimatum negociado com a Inglaterra*, por José Dias de Souza (alagoas); *Testamento*, por D. Antonio d'Almeida.—Secção Litteraria: *Gonçalves Crespo*, por Mattos Ferreira; *Rebates*, Idem; *Os novissimos do homem*, (conclue).—Secção Illustrada.—Retrospecto, por F.

Gravuras: *Ahl maroto!; Voltas as patas.*

## SECÇÃO RELIGIOSA

### O episcopado brasileiro

#### PASTORAL COLLECTIVA

do Episcopado brasileiro ao clero e aos fieis da Igreja do Brazil

(Continuação do n.º antecedente)

#### III



SANTA Igreja Catholica! *Igreja de Deus vivor!* (1) eis-te, pois, privada da corôa de honra com que n'esta terra te cingiram a fronte os nossos maiores, os inclytos estadistas que fundaram a nossa nacionalidade! Bem que embuidos no liberalismo da revolução franceza, elles te respeitaram, elles te mantiveram no posto soberano que já occupavas, e consagraram na carta constitucional os fóros que tinhas e terás sempre, de *Igreja do povo brasileiro*. Como todos os grandes legisladores, como todos os grandes fundadores de nações, elles viram que a religião devia ficar a base inconcussa do edificio politico que fabricavam. Não deram abalo n'este ponto de que depende a estabilidade de tudo.

Hoje, tratando-se de fundar nova forma de governo sobre as ruinas da monarchia, tratando-se de realisar uma obra colossal de reorganisação social e politica, mais difficil que a primeira, afastam-te, ó Mãe bemdita, para bem longe, e não querem mais ter contigo o menor contacto, nem ouvir os conselhos da eterna sabedoria que estão mandando de teus labios! Mas ao menos, assim deixada, respirarás livre?

A liberdade da Igreja Catholica esta é, dignos co-operadores e filhos muito amados, a maior questão que se tem agitado em todos os seculos christãos.

Não tratemos mais da ferida que foi feita á Igreja em nosso paiz. Tinha ella duplo direito, á protecção e á liberdade. Tiraram-lhe a primeira. Não cooperámos para isso. Infelizmente, porém, é um facto: o Brazil não é mais uma potencia catholica!

Que fazer n'este caso concreto, n'este novo regimen, n'este novo *modus vivendi* que nos é imposto pela força das circumstancias, no periodo perturbado e incerto que vamos atravessando?

Tres cousas: 1.º Bem apreciar a li-

berdade da Igreja em si e a liberdade tal qual nos é reconhecida pelo decreto. 2.º Apossados d'esta liberdade que é nosso direito, sagrado, inaufervel, fazer votos e esforços, para que ella se complete e se torne effctiva. 3.º Cumprir com animo resolutivo, firme, mais dedicado que nunca, os nossos deveres christãos na nova era que se inaugura para o Christianismo catholico no nosso caro Brazil.

1.º Primeiramente, bem apreciar a liberdade da Igreja em si e a liberdade tal qual nos é concedida pelo decreto.

Será a liberdade da Igreja um bem? Incontestavelmente o é, dignos co-operadores e filhos muito amados; e summo e inapreciavel.

Tamanho bem, tão precioso, tão essencial ao pleno desenvolvimento de sua vida, que a Igreja o pede de continuo a Deus na sua liturgia: *Ut destructis adversitatibus et erroribus universis. Ecclesia tua securã tibi serviat libertate*. Senhor, diz ella, acaba com as adversidades que me opprimem, com todos os erros que me assaltam e tolhem a acção, para que eu vos possa servir em segura liberdade.

Tanto bem e de tão soberana valia é esta santa liberdade das almas, que para logral-a morreram milhões de martyres, e por ella não cessaram os Bispos de combater em todas as edades do Christianismo.

«Não ha nada que Deus mais ame no mundo, dizia um santo doutor, de que a liberdade da sua Igreja. Elle a quer não escrava, mas livre—*non ancillam, sed liberam.*»

Por essa liberdade affirmava S. Cyrilliano que deviam os Bispos entregar o pescoço ao gladio dos perseguidores: «Um Bispo, dizia elle, com o Evangelho de Deus em uma das mãos e a Cruz na outra, pôde ser morto, vencido nunca: *Occidi potest, vivi non potest.*»

Por essa liberdade vibrava as armas de sua potente dialectica Santo Agostinho, condemnando a oppressão da Igreja por certos principes sob color e pretexto de protecção: «*Não permitta Deus, exclama elle, que a Igreja chegue a tal estado de prostração, que de vós precise a tal custo!*»

Por esta liberdade pleiteava S. Ambrosio perante o imperador Theodosio, dizendo: «*Sai da Vossa Magestade que está dentro da Igreja, mas não acima d'ella.*»

E todos os seculos christãos, como diz um grande prelado, repetiram a todas as potencias humanas a expressão d'estes sentimentos, com aquellas nobres palavras de Tertuliano: «*Nós não somos de temer, mas tambem não tememos: somente deixai-nos livres e não combataes contra Deus.*»

Assim, quando a Igreja não pôde ter protecção, reclama, e quer que todos os seus filhos reclamem, liberdade.

Quantas vezes os favores dos reis têm degenerado em escravidão para ella? «*Senhores*, exclamava Bossuet, não suspeito, por tão achegado que era á côrte,—*tem muitas vezes a Igreja de que se queixar de seus filhos que a opprimem; estd-se de continuo a invalidar-lhe os direitos sagrados; o poder temporal parece querer tel-a captiva.* (1)

«*Pois eu*, escrevia elle logo depois, *por isso daria minha cabeça!*»

E Fenelon, o egregio Arcebispo de Cambraya, no celebre discurso para a sagração do Eleitor de Colonia, ainda com maior sublimidade e energia: «*Oh! homens que não passaes de homens, bem que vos tente a lisonja a olvidardes a humanidade e a vos erguerdes acima d'ella; lembrai-vos que Deus pôde tudo sobre vós, e vos nada contra Elle. Perturbar a Igreja em suas funcções é atacar o Altissimo no que Elle tem mais caro, que é a sua Esposa; é blasphemar contra suas promessas; é ufoitar-se ao impossivel; é querer desmoronar o reino eterno.*»

Entre nós a oppressão exercida pelo Estado em nome de um pretenso padroado, foi uma das principaes causas do abatimento da nossa Igreja; do seu atrophamento quasi completo.

Era uma protecção que nos abafava. Não eram só intrusões continuas nos dominios da Igreja; era frieza systematica, para não dizer desprezo, respondendo quasi sempre a urgentissimas reclamações d'ella; era a pratica de deixar as dioceses por largos annos viuas dos seus pastores, sem se attender ao clamor dos povos e á ruina das almas; era o apoio official dado a abusos que estabeleciam a abominação da desolação no logar santo; era oppressão ferrea a pesar sobre os institutos religiosos.—«*flourescencia necessaria da vida christã—vedando se o noviciado, obstando-se a reforma e espiando-se baixamente o momento em que expi-*

(1) Oracion funebre do Chancelier Leterrier.

(1) I Tim. III. 15.

rasse o ultimo frade para se pôr *mão viva* sobre esse sagrado patrimonio chamado de *mão morta*.

Chegou-se até à perseguição! e a Egreja do Brazil viu com horror dous de seus Bispos, como se foram vis criminosos, condemnados por sentença do Supremo Tribunal de Justiça, a carregar baldes e a varrer páteos na casa de Correção por quatro annos, porque ousaram manter a liberdade da consciencia catholica em face da prepotencia do Cesarismo. (1)

(Continúa).

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

563.

CXXXII

#### P. Edmundo Auger

Este um dos primeiros jesuitas da França, muito considerado na côrte e zeloso missionario em varias cidades do reino christianissimo. Nasceu em 1531, na diocese de Troyes, n'uma villa chamada Allemans, e entrou muito joven na companhia de Jesus, em tempo do seu fundador Santo Ignacio.

Edmundo Auger teve o seu noviciado em Roma, e, depois de professar, ensinou com grande successo as humanidades e varias sciencias em muitas cidades de Italia. Voltando à França, alli se distinguiu na cadeira por sua eloquencia, e na conversão dos hereges.

O P. Auger estabeleceu collegios na França meridional, e combateu com vantagem os calvinistas que com o nome de huguenotes inundavam então aquelle reino, formando um partido poderoso, levantando sedições e cometendo as maiores atrocidades. Habil prégador e zeloso missionario, este jesuita reduziu ao seio da Egreja catholica perto de quarenta mil hereges.

Os escriptores mais notaveis do seu seculo o elogiam, ainda alguns pouco affectos à companhia lhe fazem justiça. Basta citarmos o testemunho do historiador Pedro Mathieu, que diz o seguinte:

«O jesuita Edmundo Auger era o Chrysostomo da França, o mais eloquente e o mais douto prégador do seu seculo, e tal que, se a religião levantasse estatuas aos oradores, deveria a sua ser feita com uma lingua de ouro como

(1) A sentença, como se sabe, foi commutada pela clemencia do poder moderador em quatro annos de prisão nas fortalezas!

de Beroso. Distinguiu-se no tempo da Liga, sem se inclinar muito a esse movimento.»

Henrique III, rei de França, nomeou-o seu confessor: foi o primeiro jesuita que exerceu esse difficil ministerio na côrte dos reis christianissimos. A sua maxima era que a calma e a moderação, nas disputas de religião, faziam tanta impressão sobre os adversarios como os melhores argumentos.

Padeceu com valor muitos trabalhos por causa do seu zelo apostolico. Sendo feito prisioneiro pelos huguenotes, esteve quasi a ser despedaçado por ordem do barbaro barão dos Adrets; mas o jesuita com a sua palavra eloquente, applicou a colera dos hereges e conseguiu o perdão, continuando a prégar com o mesmo zelo as verdades catholicas.

Sem ambições, recusou a dignidade de cardeal que lhe procurou Henrique III. Em Auvergne e Lyon, no tempo que alli grassou uma cruel epidemia, Auger fez admirar a sua caridade. N'esta ultima cidade conseguiu restabelecer a religião catholica. Por morte de Henrique III foi estimado do seu successor, Henrique IV.

Enfim abandonou a côrte e se retirou à cidade de Como, na Italia, onde falleceu piamente a 11 de janeiro de 1591, deixando muitas obras de controversia, cheias de boa doutrina.

Publicou tambem um *Catecismo*, de muito merecimento, que tem tido edições em latim e em grego.

CXXXIII

#### P. Matheus Stoz

Nasceu na Allemanha, no anno de 1614. Vestindo o habito de Santo Ignacio, distinguiu se em todas as sciencias, principalmente na theologia moral, na qual immortalisou o seu nome. Ensinou por trinta annos esta sciencia, bem como philosophia, com grande reputação.

Escreveu, entre outras obras, uma que tem por titulo *Tribunal da Penitencia*, e é por ella que o P. Matheus Stoz é mais conhecido, sendo a cada passo citado pelos auctores de theologia moral.

E' de tanta auctoridade em materia de costumes, que Santo Afonso de Liguiori não raras vezes se appoia na sua doutrina. Este jesuita é um dos auctores classicos em moral.

Falleceu este douto e virtuoso moralista em Munich, a 13 de janeiro de 1678.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

### Padre Agostinho de Montefeltro

(Continuado do n.º 22)

Mas Deus destinava o P. Agostinho para empresas mais grandiosas. Tirando-o do meio dos tumulos do mundo, preparava-o para uma missão mais ardua, queria-o para illuminar os soberbos do seculo, para converter os grandes peccadores.

O humilde Minorita tinha-se entregado com todo o ardor às fadigas apostolicas, mas reputando-se incapaz de fallar nas cidades cultas e populosas, só por obediencia e não sem grande sacrificio foi prégar a Arezzo e depois a Bolonha, onde a sua palavra ardente e fascinadora suscitou um immenso enthusiasmo. A fama da sua eloquencia e doutrina começou então a divulgar-se, e logo depois o vemos em Pisa renovando o spectaculo sublime de Paulo no areopago. Em jornal insuspeito escrevia n'aquelles dias: «Este orador impõe-se á admiração de todos. Para ouvir-o correm de toda a parte pessoas de todas as ordens e classes sociaes: artistas, homens de sciencia, professores, litteratos, criticos, philosophos, homens de politica, escriptores de jornaes, officiaes do exercito, estudantes: e todos, sahindo do templo, não podem deixar de confessar que o frade Agostinho é um orador de raro merecimento, um advogado illustre do christianismo.»

O P. Agostinho de Montefeltro tinha-se tornado a aguia dos montes, como lhe havia vaticinado o santo mestre P. André de Quarata.

«Vi chorar homens e mulheres, e á sahida da egreja, vi abraçarem-se e apertar as mãos, pessoas que nunca se tinham visto, mas que sentiam a necessidade de communicar aos outros a grande emoção que os inundava e suffocava». Estas palavras não as escreveu um catholico, escreveu-as um dos mais famosos materialistas, o senador Mantegazza, que ouvindo o que se dizia dos sermões do P. Agostinho, tinha partido expressamente de Florença para ouvir-o.

Depois de ter assistido a todas as suas conferencias de Pisa, um escriptor liberal publicou o seguinte juizo:

«Aquelles que ouviram o P. Agostinho de Montefeltro, reconheceram todos, sem distincção de partido, que é um d'aquelles raros atletas da palavra que não só arrebatam as turbas com a força da eloquencia, mas dão tambem lugar a profundas discussões entre os sabios. Nos seus discursos elle sabe

transfundir todo o seu coração, todas as forças da sua alma, produzindo feitos artisticamente bellos, como só sabe produzi-los quem tem o conhecimento da arte, largueza de vistas, profundidade de saber, seriedade de convicções, facilidade de improvisação, acume de critica, promptidão inexaurível d'idéas. Erudito, fogo, sempre artistico, elegante em uma simplicidade admiravel de phrases, com clareza, com doutrina variadissima, o P. Agostinho de Montefeltro passa da glosa do versículo biblico, da citação da Escripura aos sublimes pensamentos da *Divina Comedia*. Na arte, na historia, na critica rivaliza com aquelles que na arte, na historia e na critica deixaram vestigios indeleveis. Conhece todas as escholias, os mestres de philosophia, desde os grandes da Grecia até aos de Roma antiga, desde os primeiros Padres da Igreja até aos reformadores d'Allemanha, desde os encyclopedistas da França até aos positivistas modernos. Poetas e prozadores de todos os tempos e de todas as nações lhe fornecem argumentos para demonstrar que todos devemos santificar-nos no trabalho, no amor, no soccorro intuitivo, na fé, nos grandes ideaes da humanidade. Emprega a lingua de Dante, ora com a altivez de Allieri, ora com a doçura de Petrarca, ora com a placidez de Manzoni. Em P. Agostinho ha a profunda convicção que inspira a sua eloquencia; vê-se que sente no coração o que tem sobre os labios. No meio da discussão theologica, rebenta a eloquencia do coração. Porisso commove com a propria commoção.»

Quando o P. Agostinho prégava em Roma, um velho stenographo do parlamento italiano publicou em um jornal as seguintes observações: «Nenhum dos nossos oradores parlamentares, exceptuado talvez Cordova, chegou a celeridade do P. Agostinho. Elle pronuncia contentemente 190 a 200 palavras por minuto. O ex-ministro Grimaldi, ao qual n'estes dias tem sido comparado, chega a locar a celeridade d'este prégador, mas isto dura apenas poucos segundos. Grimaldi pode fazer isto em um impeto de poucos instantes, e nada mais: em geral não excede 150 palavras. Deve-se, porein, notar uma cousa: traduzindo da stenographia os discursos do deputado Grimaldi, é necessario tirar ao menos 25 por cento das palavras por elle pronunciadas. Mas dos discursos do P. Agostinho não se pode tirar uma só. N'este ponto elle é orador exactissimo entre os mais exactos (1)». Mas ouçamos o que diz do insigne prégador franciscano um escriptor catholico de grande auctoridade:

«P. Agostinho é um d'aquelles que sabem attrahir à Igreja os semidoutos e os incredulos da cidade. Elle possui o segredo d'esta foça. Esta victoria tem-na conseguido em toda a parte onde tem prégado. Qual é este segredo? Talvez a novidade da doutrina? Não certamente, porque nada elle diz que não tenha sido dito por Lacordaire. P. Felix, Bourdaloue Massillon, Bossuet, Segneri, Monsabré e outros grandes oradores e theologos. Basta ouvir os seus sermões sobre a existencia de Deos, a immortalidade e a espiritualidade da alma, sobre a divindade de Jesus, sobre os prejuizos contra a religião, que causarão tamanha impressão no publico, para convencer-se de que dizemos. N'estes sermões não se encontram doutrinas verdadeiramente originaes; acha-se inais depressa um modo novo de expol-as e apresental-as ao publico. Parece-me que consiste n'iste o segredo de P. Agostinho. É, segundo me parece, uma novidade de forma, mais depressa do que de substancia.

«Esta forma consiste antes de tudo, se não me engano, em excluir da prégagação tudo o que cheira a convencionalismo e affectação, e que deixa ver a arte do orador, como são as divisões, e subdivisões, os logares communs, as phrases rhetoricas, as declamações, que muitas vezes fazem de prova e não o são. Na verdadeira eloquencia não tem logar o convencionalismo. Quer-se a verdade clara, limpida, como sabiu da mente divina, e como vem d'uma mente profundamente convencido do que diz, e portanto profunda e largamente instruida nos assumptos de que trata. A' verdade deve seguir-se a arte, mas deve ser tão natural, que não appareça, porque se se descobre, degenera em artificio e em convencionalismo. Reconduzir a eloquencia sagrada a este principio, é empresa a que poucos poderão chegar, porque só poucos podem converter em proprio sangue a sciencia da Religião, e poucos sabem subtrahir-se à foça do convencionalismo. N'isto o P. Agostinho é com certeza igual aos primeiros oradores e apologistas antigos e modernos, e que subiram à maior fama. A sua eloquencia é natural, é uma fonte de que as aguas manam abundantes e espontaneas.

«Outra novidade se encontra nos discursos do nosso orador. Elle diz muito em pouco tempo. Os seus sermões não têm aquelle character largo e demonstrativo de Segneri e de Bourdaloue, são mais depressa quadros resumidos e syntheticos d'aquillo que outros grandes homens disseram em vastas paginas. Elle tem d'este modo duas vantagens sobre os outros celebres oradores que o precederam: de

exaurir em um sermão só, o que os outros disseram em muitos; e alem d'isto, e é o que mais importa, de não enfadar o auditorio.

(Continua).

## Antiga Grecia

### O Apogeo e a Decadencia

(5.º SERCULO)

Não ha nenhuma forma de governo que não possa ser um bem, se elle é sabiamente administrado.

FRANKLIN.

DA lei do mundo moral como do mundo organico que todas as coisas estejam n'um perpetuo movimento de progresso ou de decadencia; o apogeo é um ponto supremo que o homem toca para já deixal-o.

Essa perfeição não póde durar senão um momento, resplandecente luzeiro entre dois crepusculos; por conseguinte o presente é um ponto livre entre dois infinitos. Por necessidade não menos que por gosto e por prazer, é conveniente o correr-se ao saborear-se esse momento de appetites e publicar a lembrança ligeira d'elle para n'elle permanecer o mais possivel a curiosidade do nosso espirito.

Privilegiado entre todos, o seculo de Pericles offerece um espectáculo unico na historia; nunca a humanidade se approximou tanto do ideal que ella poude sonhar; nunca n'um tao bello accordo o homem unira todas as glorias, todas as virtudes, todas as prosperidades.

A grandeza politica e moral d'esta epocha é o fructo e o resultado da harmonia suprema que lh'é o caracteristico: effectivamente as perfeições solidas do espirito dorio, grave, regularisado, respeitoso para com o passado, se alliam às brilhantes seducções do espirito jonio, tão exaltado pelo progresso e a liberdade.

Pericles na politica e na eloquencia, Phidias nas bellas artes, Sophocles na poesia, Socrates e Platão na philosophia e na moral, tocaram o lim; elles realisaram esse grau selecto que se chamaria quasi a perfeição, tanto ha de ameno para saudar nas obras d'estes nobres genios, com o ornato da forma, uma grandeza de pensamento e uma elevação de sentimentos que pairam acima de tudo o que é vulgar e trivial.

Esta pleiade immortal pela sua branda auctoridade encaminhou para o ideal toda actividade do povo atheniense: portanto ella fez d'Athenas a escola da

(1) *Fanfulla* de 14 de Março de 1889.

Grecia, e da Grecia a escola do genero humano.

\* \*

Após Thucydides, cujo genio grave e austero marca a madureza pratica do povo atheniense, a decadencia accentua-se com a dissolução da federação grega e com a corrupção do governo democratico.

A boa fortuna é funesta ás nações como aos individuos; a vaidade é má conselheira, e é do dia do triumpho que se pode datar o principio da decadencia.

Quando depois da paz de Cimão, a Grecia pensou não ter mais nada que temer dos Persas, ella volta contra si mesma a sua actividade, e entrou no periodo das dissenções intestinas.

Eram uns implacaveis, esses gregos d'então. Golpejaram-se.

O laço da unidade federal relaxou-se, porque o temor do perigo commum não obrigava mais os gregos a alijarem suas rancorosas iniunidades: «Vencedores dos Medas, devemos impôr-nos aos gregos», disseram em 450 os athenienses.

Esta fanfarronice d'uma vaidade doidamente ostentada, produziu a guerra do Peloponesi com as suas calamidades!

A adversão ociosa de Sparta contra Athenas não foi tambem senão a renovação d'um movimento de odio que se havia ja produzido pelos annos 510, e que havia suffocado o sentimento mais forte d'um grande interesse commum: o dever de repellir o jugo ameaçador da Asia.

\* \*

Desde havia muito, o vicio irremediavel da democracia, a inveja, se havia manifestado com a cega perseguição aos homens de bem: um Milciades, um Aristides, um Socratas, um Thucydides.

Este rebaixamento do nivel moral accentuou-se mais no fim do seculo de Pericles, e a democracia deshonra-se ainda mais quando se deu por chefes, homens como: um Critias, um Cleão, um Alcibiadas. Foi pois por suas estroinices que a democracia se perdera, e com ella Athenas, e com Athenas a Hellade e a liberdade.

A causa principal do mal foi a ignorancia crassa do povo: a maioria fez-se o instrumento da ambição d'estes demagogos!

D'esta gentalha deixou Thucydides um quadro immortal feito sobre a natureza d'ella.

Eil-o: «Arrastados pela paixão de dominar, os demagogos inscrevem bellas palavras sobre as suas insignias: a egualdade dos cidadãos ou a sabedoria das classes educadas.

«Em palavras, elles não sonhavam senão com a felicidade da patria; na realidade, a patria ella mesma era o abono de suas luctas. Os seus arrebatamentos não recuam ante nenhuma atrocidade», e isso não só em Athenas, senão em todo o muudo hellenico. Assim fôra e assim será sempre, emquanto a natureza dos homens não mudar.» (Livro III, cap. 82).

\* \*

Salvo duas ou tres excepções, os *dictadores* (os tyranos) não reinaram senão abateudo pela violencia tudo o que era religiosamente de todos: a *imprensa*, o *direito de reunião* e de *associação*...

Os tyranos... derribavam tudo o que era superior pelo nascimento, a riqueza ou o merecimento. Os gregos puderam então reconhecer como um governo, quer republicano quer monarchico, se transforma rapidamente em despotismo, logo que elle deixa de professar um certo respeito requerido pelos direitos dos individuos...

Efectivamente, o procedimento habitual dos demagogos era o gritarem o traçãol Todos aquelles que não fossem do seu partido eram por esse simples facto uns traidores promptos a entregarem a cidade aos persas, aos lazedemonios ou aos tyranos.

\* \*

Em conclusão. A historia da Grecia no 5.º seculo ensinou tres coisas ao mundo: Primeiramente que a disciplina, a dedicação ao dever, a obediencia ás leis sao as virtudes invenciveis as maiores forças militares: eis aqui as idéas e as virtudes que os gregos introduziram no mundo, que elle não conhecia.

Ao depois Athenas dera o modelo do que pode e deve ser o cidadão de um estado digno d'este nome, o homem que respeita e faz respeitar em si todas as qualidades naturaes e todas as virtudes sociaes que pôde conceber a razão.

Nunca em tempo nenhum a civilização tanto recuara tão manifestamente, como durante esse delirio da Grecia enfurecida em arrumar-se; e Thrasylbulle euvorgouhava-se ao depois por ter libertado estes imbecis ferozes.

\*\*\*

### A representação da classe medica portugueza contra o ultimatum negociado com a Inglaterra

O dia 18 do corrente mez foi entregue na camara dos senhores deputados por uma commissao de medicos de Lisboa em nome da classe medica portugueza uma representação assignada por 106 medicos contra o tratado anglo-portuguez.

Membro da classe medica e animado dos mesmos sentimentos, que levaram os collegas da capital a tao patriótica resolução, julgo do meu dever adherir a representação, e entendi fazer publica a minha adhesão n'este lugar, porque julgo tambem do meu dever acompanhala de considerações, que teem n'elle mais proprio cabimento. Darei em primeiro lugar idéa do importante documento.

Começa por fazer menção do estado de corrupção e desmoralisação ha certo tempo observado no nosso paiz e da attitude alevantada, briosa e energica, que tomou em preseuça do tratado, attitude que faz crer que ainda possuímos elementos de vida, o que, perante o grande perigo nacional, gera como esperança de melhor futuro o desejo de emenda e de reforma. Passa depois a mostrar que, alem da parte que a classe medica toca no movimento nacional, levados como sao seus membros pelo sentimento de patriotismo a partilhar tanto as alegrias como as dores da patria, alguma cousa lhe iucumbe sua cultura technica especial. De facto, pertencendo-lhe o estudo da organização humana e das modificações, que lhe imprimem as influencias climatericas, de que derivam as diferentes raças, julga-se no dever de declarar que alem da gravissima offensa á justiça com que se catca aos pes o direito de vida das pequenas nações, e do procedimento brutal com que se pretende humilhar-nos, offendem-se tambem direitos naturaes e sagrados, que pertencem a collectividade humana. São esses os que teem as populações das regiões torridas a serem civilisadas pelos que possuem melhor aptidão natural para esse fim, como são as do meio-dia da Europa e em especial os habitantes da peninsula luso-hispanica, porque são os que physiologicamente mais se lhes approximam, e em consequencia melhor podem comunicar-lhes a vida de felicidade pela civilisação; e mostra como estes conhecimentos que a sciencia fornece são plenamente conformados pela historia, com cujos dados estabelece o confronto entre a nossa colonisação, que desenvolve, aperfeiçoa e consolida o elemento indigena, e a do elemento britanico caracterizado pela traição e

brutalidade com que degenera e aniquilla as populações; consideração na realidade de grande valor ante o interesse da humanidade.

Entende também que, sendo a classe medica a que vive em intimidade com todas as classes sociaes, e melhor conhece suas necessidades, deve levantar um brado a favor dos que no paiz são mais directamente feridos pelo tratado, como são as nossas classes industriaes. Por fim fortalecendo-se nos sentimentos de pundonor nacional, que nos impõe o brioso dever de defendermos e sustentarmos a gloriosa herança de nossos maiores, que á custa de diuturnos e incriveis sacrificios de todo o genero e de feitos assombrosos descobriram vastissimas regiões, em que fundaram colonias florescentes, levando até aos confins da terra os beneficios do progresso e da civilisação, beneficios que por meio do commercio se reflectiram abundantemente sobre a Europa, expõe em termos sentidos e pungentes a injustiça e ingratição com que tem sido tratado Portugal, e a que estado de degradação se pretende reduzi-lo! E conclue repellindo com um brado vehemente semelhante affronta, preferindo a defeza até á morte!

Agora o que vou dizer é mui resumidamente o que disse n'outra parte (1)

Entreveem-se na representação dois periodos muito differentes da nossa vida nacional, periodos que a historia marca distinctamente: um caracterizado pelo valor, o patriotismo e a elevação de caracter com que a nação se engrandeceu progressivamente, outro em que ella tem decahido também progressivamente, desaparecendo aquellas antigas virtudes, que foram substituidas por sentimentos muito differentes, que levaram o paiz a um estado muito notavel de corrupção e desmoralisação. Em face de semelhante contraste o animo é mui naturalmente levado a indagar-lhe a causa. Não é possível deixar de suppor que da acção de influencias muito differentes derivaram resultados tão diversos. De facto, não é preciso muito para lhe reconhecer a existencia.

Debaixo do influxo do sentimento catholico brotaram todos os emprehendimentos dos antigos portuguezes, e tão fno se gravou que toda a parte em que arvoraram o sagrado pendão das quinas, fundindo com aquelle sentimento a gloria do nome portuguez, que ainda hoje dão innumeraveis testemunho d'essa gloria os nomes, os padrões e os monumentos de caracter religioso, que por lá existem.

(1) *A Cruz e A Fé ou A Revelação por um Catholico Portuguez*—Vid. em especial a Introducção e a Conclusão e suas notas.—D'este livro deu noticia esta Revista no numero de 30 de março de 1888.

Um exemplo sómente: perguntai á soberba Inglaterra quem foi que, e porque, poz o nome á ilha, onde ella encarcerou o maior guerreiro d'este seculo?

Aquelles heroes sem eguaes nem até nas vastas solidões do oceano, luctando valorosamente com a bravura indomita de suas vagas, se esqueciam do nome do santo de que em cada dia resa a Igreja Catholica; tão intimamente gravadas no peito tinham sua fé e sua doutrina, e tão filhos seus se presavam de o ser, e de mostrar que o eram!

E eis ali a influencia, cuja acção eminentemente benefica levou nossos maiores a adquirirem o grande patrimonio que nos legaram, de que em parte já temos sido defraudados, e de que agora pretendem por completo espoliar-nos! Aqui aponto simplesmente o que a historia mostra exuberantemente.

Mas ah! como é doloroso ter de voltar a medalha e mostrar a pelo reverso!

Uma outra influencia inteiramente opposta á primeira, e sua inimiga irreconciliavel conseguiu enthronisar-se em Portugal exercendo sua perniciosa acção, tanto publica como particularmente. A maçonaria, essa tenebrosa seita, que em toda a parte move guerra implacavel á Igreja Catholica, a tal ponto que conseguiu assenhorear-se dos animos, directa ou indirectamente, n'este malfadado paiz, que tem gerado em grande escala, n'uns a indifferença, n'outros o desprezo pela religião, e em numero avultado até um sentimento hostil contra o mesmo, que manifestam e põem por obra todos os meios que elle lhes suggere, em que figuram em primeiro logar a mentira e a columna com quantas falsidades de todo o genero e em todos os graus pôde inventar o odio que gere e fomenta a iniquidade e a injustiça, tendo até chegado muitas vezes e em muita parte a insultos, violencias e atrocidades!

Estes funestissimos effeitos da nefasta influencia maçonica, de que na metropole é consequencia forçada o degradante estado que caracteriza o segundo periodo da nossa vida nacional, teem-se feito sentir deploravelmente em nossas provincias ultramarinas.

Não é para aqui mostrar a acção eminentemente colonisadora das missões catholicas, nem fazer conhecer os incalculaveis beneficios, que teem espalhado por toda a parte em que se acham estabelecidas, na Asia, na America, na Africa e na Oceania. O que é necessario fazer bem patente é uma tristissima verdade, e vem a ser: que por toda a parte n'essas regiões se tem exercido essa acção, e se teem experimentado esses beneficios menos nas colonias portuguezas no desgraçado perio-

do alludido! Até a Inglaterra, que nos territorios que nos pertencem, e que pretende roubar-nos, estabelece as suas missões protestantes, como o primeiro passo a dar para conseguir seu intento; missões que a teem servido habilmente, e que teem sido descarada e traçoeiramente protegidas pelos nossos governos; até ella, sendo officialmente protestante, assim como a Allemanha e a Hollanda, protege efficazmente nas suas colonias as missões catholicas por lhes conhecer a grande superioridade, que redonda em proveito seu.

E Portugal? esse só na provincia de Angola consente e protege para cima de vinte centros ou estabelecimentos de propaganda protestante ingleza com tres bispos; provincia que necessitando de quinhentos missionarios, segundo noticias officiaes muito recentes não conta mais que doze padres (1)!!! Mais:

Haverá dez e vinte e mais annos que os periodicos officiosos do governo portuguez davam noticia da chegada de missionarios protestantes inglezes á nossa Africa Oriental, cujas bagagens o mesmo governo ordenava por meio de portarias que fossem dispensadas de pagar direitos na alfandega, recommendando ás auctoridades locaes que lhes dessem toda a protecção (2)?

Foram os que na Zambesia indispuzeram e armaram contra nós os indigenas, e dispuzeram as coisas para o actual roubo n'aquella região!

E estranha-se o que se está vendo e dolorosamente assistindo!

E' um castigo merecido, são os fructos que a maçonaria dá!

Digno precursor de tão iniqua associação preparou-lhe aqui a entrada o sanguinario marquez de Pombal, abrindo a porta com o cesarismo e jansenismo com que hostilizou a Igreja Catholica, acabando com as prestantissimas missões dos jesuitas. Por isso a maçonaria lhe venera a memoria, e o exalta até á apotheose, porque foi elle quem começou a obra d'essa hostilisação, em que ella tem afanosamente proseguido, e que deu em resultado o miseravel estado de degeneração e abatimento em que nos achamos! E são mações ou illudidos por elles todos os que preceisam e engrandecem esse homem pernicioso, que impulsado pelo odio iniquo, que o caracterisava, preparou a ruina da patria, como eloquentemente se mostra no seguinte trecho de um livro, que acaba de publicar o snr. Leon Bethune sobre missões catholicas na Africa:

«Quanto deve Portugal lamentar as perseguições que outr'ora exerceu contra os jesuitas! Sem a enorme fal-

(1) *Progresso Catholico*, XII an., pag. 97.

(2) *Novo Mensageiro*, X tomo, pag. 165.

«ta commettida por Pombal e seus suc-  
 «cessores, nunca a Inglaterra teria tido  
 «ocasião de levantar aos lusitanos a  
 «injusta questão que lhes suscita. Os  
 «territorios ha tempos descobertos por  
 «Livingsstone e occupados pelos missio-  
 «narios escoccezes, conservaram profun-  
 «dos traços da evangelisação dos je-  
 «suitas, que outr'ora tinham florescen-  
 «tes christandades em Cassanze (no al-  
 «to Kassai), e nas margens do Chire e  
 «do Zambeze. Desde o seculo XVI os  
 «jesuitas portuguezes rivalisaram de-  
 «das suas christandades por Pombal, e  
 «d'essa epocha data a decadencia da  
 «potencia portugueza n'estas paragens.  
 «Em nossos dias os portuguezes cha-  
 «maram os jesuitas; e mais ainda,  
 «subsidiaram as suas missões e as dos  
 «Padres do Espirito Santo...» (1)  
 Pela nossa historia tambem se sabe  
 que n'essas christandades havia colo-  
 nias agricolas tão florescentes que só-  
 os dizimos constituíam abundantissima  
 fonte de receita publica. E tudo isso foi  
 destruido pelo idolo execrando da ma-  
 com calumnias e com historias falsissi-  
 mas, tem indisposto os animos contra  
 essas ordens benemeritas, e os tem su-  
 bjugado a ponto de se não fazer aqui  
 senão o que ella quer que se faça! E'  
 tempo, porém, de sacudir esse jugo  
 infamante, que persistindo nos ha-de  
 aniquilar completamente. Comecem por  
 conhecer seu grande erro os que a  
 tem servido, desilludam-se os illudi-  
 dos, desapareçam os falsos precon-  
 ceitos, acabem de vez as transigencias  
 cobardes e vergonhosas, e lancemo-nos



VOLTAE AS PATAS

«zelo para penetrar no centro do con-  
 «tinento negro, e o Padre Silveira era  
 «martyrisado em 1559 por ordem d'um  
 «principe negro do paiz actual dos Ma-  
 «tabeles.

«Os jesuitas tinham esplendidas chris-  
 «tandades em Quelimane, Tete e Sen-  
 «na desde 1610, e fundaram no Zam-  
 «beze villas christãs cujas ruinas, ro-  
 «deadas d'um supersticioso respeito  
 «pelos indigenas, foram encontradas  
 «por Livingsstone. Os jesuitas foram no  
 «seculo passado brutalmente expulsos

«çonaria em Portugal! E' verdade, em  
 «nossos dias, ha pouco tempo ainda  
 «teem-se chamado para algumas das  
 «nossas possessões missionarios catho-  
 «licos estrangeiros, membros de ordens  
 «regulares; mas não se admittem no rei-  
 «no essas ordens, nem ao menos com  
 «esse fim, porque a maçonaria o não  
 «permite, e ella é quem aqui domina,  
 «e é quem pelas vozes fementidas de  
 «seus numerosos arautos, com mentiras,

(1) *Novo Mensageiro*, X an., pag. 437.

«amorosa e animosamente nos braços de  
 «Egreja Catholica, seguindo o exemplo,  
 «que juntamente com um nome glorioso  
 «nos legaram nossos maiores, porque só  
 «assim se realisará o desejo de emenda  
 «e de reforma, a que allude a represen-  
 «tação, e poderemos ainda salvar a pa-  
 «tria.

D'outra maneira todos os esforços  
 serão inuteis.

Abrantes, 23 de setembro de 1890.

*José Dias de Souza Calasans.*

## Testamento



REVOLUÇÃO conhece que não pode ter vida a juntar muito aos cem annos que desgraçadamente conta. *Violenta non durant*, diz o Aphorismo verdadeiramente philosophico; e a Revolução é a violencia. Não pensemos, que a Revolução não faça mais nem deixe de fazer maiores violencias do que as que tem feito, antes crêmos que irá a outras ainda superiores e que serão os paroximos de sua morte e será então apparecido o desengano quasi unanime, e que pedirá ou aceitará o braço forte, que será o instrumento de Deus para enterrar a Revolução. Quando depois de 1789 e mais ainda depois de 1793 a França abraçou Napoleão Bonaparte, que mais tarde foi Imperador, não inquiriu do homem, inquiriu das circumstancias e bateu-lhe as palmas, sem se importar que Napoleão tivesse nascido na Corsega e não na França; na Corsega, mais italiana do que franceza, o que dizemos ser revolucionario nem revolucionario irridentista «por Mercê de Deus!»

Na occasião aceitasse o homem! A occasião vira e será aceite com enthusiasmo o homem que o Todo-Poderoso permittir, ou o Anjo que do céu será mandado, para anniquillar a Revolução em toda a parte! A Revolução conhece isto mas não o confessa, apesar de que é tão louca, que fez Testamento, instituindo herdeiro o *Diabolus*, mas não terá testamentario, pois que embora então haja peccadores não haverá revolucionarios. Um diabrete perdeu no caminho uma copia do Testamento da Revolução exarado no livro de notas do *Tabellião Bezebu*; e nós, tendo feito o signal da cruz, vimos dizer o que se contem na copia authentica perdida e por nós achada; eil a:

### «TESTAMENTO:

Eu a Revolução faço este meu Testamento em nome do Diabo com o qual sou casada civilmente, tendo assim dado o exemplo para os casamentos civis.

Disponho: 1.º Que na Terra seja feita a guerra á Verdade, segundo os decretos do Inferno. 2.º Que esta guerra seja feita mais maliciosa que claramente para que os ignorantes e incautos caiam no laço. 3.º Que se busque afastar e mesmo anniquillar o nome de Deus com respeito aos homens e ás cousas, substituindo-o pelo nome de Lucifer, mas convirá que a miúdo antes se diga seculo das luzes. 4.º Que a questão de Roma seja trancada de maneira que seja como se nunca tivera existido; e feito isto seja eliminado da Terra o Papado, que é inimigo da Humanidade. 5.º Que na Historia seja apagado tudo

que falle de Antigo e Novo Testamento, de Religião e actos da esta, affirmando meus filhos e discipulos que tudo alludido n'este artigo é mentira. 6.º Determino todos os esforços para estabelecer um meio-termo entre o inferno e o ceu, pois que é um meio engenhoso para ganhar amigos ao meu Diabo. 7.º Quero, que os theatros dêem espectaculos de apparato e mesmo sem apparato com tanto que sejam atacados a Justiça e a Moral. 8.º Mando, que os discursos e os escriptos se inspirem em todos os inimigos de Deus. 9.º Resolvo, que seja sustentado o naturalismo, e já desenvolvido largamente no seculo das luzes como um elemento mui apto para fazer indifferentistas, impios e atheus, embora estes mintam a si proprio. 10.º Quero, que o clero, os Ministros do culto catholico, seja espinhado, moral e physicamente; e se um Padre cahir n'uma fraqueza como homem, seja dito que a *commetteram* todos os Padres; não seja assim se um militar, um juiz, etc., pois que o que interessa ao inferno é desacreditar todos os padres. 11.º Tenha se muito em conta espalhar ás mãos largas a semmente escaudalo, pois que quanto mais forem corrompidos os corações tanto mais as mentes se rebellarao contra Deus. 12.º Que os discursadores e escriptores da minha eschola contraiem por negação tudo que fór conforme com a doutrina catholica, pois que tal argumento lhes será tactica para fugirem as provas impossiveis. 13.º Constituo a mentira como a regra de meus filhos, da qual nunca se desmintam, embora as provas em contrario sejam claras como o sol; menti, menti sempre! 14.º Fazei e desfazei ministerios que é o meio de serem mais repetidas as eleições que são fabricas *Krupp* de corrupção, sendo esta o gaudio de Sitanaz. 15.º Procure-se desmoralisar e folgasar, pois que os divertimentos a meu agrado servem para attenuar nos desmoralisados os picos da consciencia, e vai assim augmentando a desmoralisação. 16.º Que seja sustentada a usura não no sentido genuino ou honesto, mas como a tornam e usam os civilisadissimos do seculo do meu bafo; a usura assim faz ricassos que não servem a verdade e ajudam todos os empreendimentos contra Deus. 17.º Faça-se todo o esforço para que as mulhures imitem e excedam os homens loucos; e para que os homens se tornem Sardapallos. 18.º Quero, que a Diplomacia da minha eschola continue a não ser o tacto e a tactica de verdade, mas sim um imbroglio de petas; e o mesmo disponho para a Politica. 19.º Estatuo, que desde a infancia e juventude seja allastada aos dous sexos toda a influencia Religiosa, pois que será o meio de

preparo para tudo que seja offensa de Deus. 20.º Recommendo a profanação e desprezo do Domingo e mais festas de preceito, a qual tem sido um elemento mui efficaç para desmoralisar e brutalisar. 21.º Todas estas minhas disposições e outras que teria a mencionar se concretam n'uma só, e esta é— seja atacado o principio de auctoridade d'elle mesmo e em todas as suas manifestações, é tal ataque absoluto a essencia da Revolução! Sello meu Testamento, depois de feito e assignado no Inferno, com o sello do *Diabolus* e quatro *diabretes* serviram de testemunhas para que atestem ser o proprio e possa como tal ser attestado e reconhecido pelo tabellião *Bezebu*.

E a besta, no sentido em que é tomada esta designação é classica e acima de classica; e a besta a querer fazer persuadir que a Revolução durará seculos quando no fim de um está a esfacellar-se. Que a Igreja de Deus na Terra tem sido, é e sera Militante, Dogma é! Terá a Esposa Mystica de Jesus-Christo a combater outros inimigos nos outros seculos, porém não a Revolução, por isso que está para morrer, e se ella não morresse morreria a sociedade e assim Deus seria vencido, o que é um impossivel Eterno; a sociedade n'este mundo ha-de acabar, mas só no quando decretado *ab aeterno!* O Testamento da Revolução é a sua photographia, porém as photographias desmaiam até desapparecerem, e a da Revolução desmaiará e desapparecerá sem que possa de novo *posser*; o Diabo não se metterá n'outra de tal especie. As torres *Eiffel* são de base de barro, que não as póte suster, á guisa do gigante de Nabucodonosor. A apothose da Revolução, feita no anno de 1889 em Pariz, não lhe dará mais vida.

Deus não admite que lhe façam desalfios, e se não pune logo é porque *Paciens quia aeternus*, e porque Jesus no Santissimo Sacramento do Altar se digna sustentar o braço da Justiça Eterna!

*Dom Antonio de Almeida.*

## SECÇÃO LITTERARIA

Mocidade gentil que vezes tantas  
Te rememoro n'esta afflicta mente;  
Detem, ó linda, ó bella, as tuas plantas,  
Não murches a belleza á tua frente.

Conserva sempre vivo o lume intenso,  
Que Deus omnipotente em ti gravou;  
Presta do fundo d'alma um pleno asseuso,  
Ao que mais teus avós nobilitou.

Começa o mundo por negacear-te,  
Na quadra juvenil, em verdes annos;  
E' serpe vil que quer envenenar-te:  
Eis a origem fatal dos teus mil damnos.



Sente um grande desejo do teu bem,  
Do teu florir risonho, casto e puro,  
O joven que te escreve; e oh dôr! que tem  
Do mundo suspirado o bafo impuro.

Se eu te vira em flagrante oh, voaria,  
Em teu soccorro oh bella! Inda mostrando  
Esta alma amortalhada em agonia.  
E o coração ainda gotejando.

Cultiva desvelada as flores d'alma  
Formosas flores, flores inda do Ceo;  
Porquese as murchas, murcha fica a palma.  
E se revivem, seu brilho morreu.

Mães, ó mães! de vós sim, de vós depende  
O bem universal; dae de mistura,  
Co'o leite que de vossos peitos pende,  
Da crença o leite forte que depura.

São jovens vossos filhos, amanhã,  
Ou colhereis um fructo saboroso;  
Ou gostareis a perspectiva vã  
Do fructo do mar morto carunchoso.

Mas vós sómente? Oh! não, mil vezes não.  
Um povo, uma nação suffocará,  
A cinza de tal fructo! E a maldição  
Na vossa frente o Eterno gravará!

Mocidade gentil, suspende os passos  
Não queiras as flores d'alma polluir!  
Ai de ti, se tu fores em ferreos laços  
Belleza, pejo e gloria contundir.

Ai de ti porque então no tremedal  
Afundirás teu joven coração,  
Do Ceo o orvalho então já pouco val';  
E a crença fica sendo um nome vão.

Dae-me a pristina vida a avita luz...  
Chorados filhos ah! vosso sanal  
Seja a vivida crença de Jesus,  
E' um echo do nosso Portugal.

M. D. A.

### CONÇALVES CRESPO

Da juventude a flôr em tua frente,  
a par da chamma angusta raliava!  
Mas do paiz nos eccos, tão dolente,  
porque subito, um grito então vibrava?...

E volveram as gentes tristes olhos:  
eras tu no parcel, a combater!  
O teu barco batia nos escolhos;  
viram-te a nobre frente ao obão pender.

E, desde então, a tua voz sonora,  
as plateias jamais arrebatou.  
Tua mão, pobre artista, desde essa hora,  
gelada, sobre a lyra, se quedou.

Tinhas no estro, o sello da eleição,  
e as minucias do escopro florentino.  
Sentias do ideal a intuição,  
ao beijo ardente do teu gosto fino.

E os primôres e as peças rendilhadas,  
e as figuras tão nobres n'uma tela,  
perdenol-as, quaes folhas dispersadas,  
no brusco torvelinho da proceila.

Por isso a multidão, ouvindo o dobre,  
e engrossando no teu suimento escuro,  
olhava, como quem no céu descobre,  
um astro vir tombando do futuro!...

### REBATES

(N'UM ALBUM)

Vêi-o na luz das suas primaveras,  
cercar de extremos, a paterna frente,—  
cruz amparada, no pendôr do monte,  
entre os abraços, que lhe dão as heras;

Sondar attento, a lucida alegria,  
que em peito tão rendido, infunde e ateia;  
perturbado, não sei que me salteia,  
em arrancos de amor e de amargura!

Revendo-me no quadro meigo e immenso,  
que os dois formam, sem mesmo ser propenso,  
as crises, em que o pranto rompe e cue;

Sinto os olhos molhados bruscamente,  
vendo, saudôso, perpavear na mente,  
um meigo velho—a sombra de meu paç!...

Mattos Ferreira,  
Prior em Cintra.

### Os novissimos do homem

Bella tarde de primavera!  
As arvores estão já cobertas de  
verdes e mimosas folhas e flores; a  
atmosfera anda impregnada de parti-  
culas odoríferas.

D'entre os ramos d'uma laranjeira,  
transmittidos pelo ether, vem ferir  
agradavelmente o tympano de nossos  
ouvidos os gorgeios do *rei dos cantores*  
—o rouxinol. Um melro repimpado no  
ramo de uma cerejeira acompanha com  
os seus trinados melodiosos...

Tudo respira alegria.

Alem, no campo, varios agricultores,  
de aguilhada na mão, excitam com  
monosyllabos os vagarosos bois, que,  
atrelados ao temão do arado, seguem  
o sulco feito pela relha e vão deixan-  
do atraz de si a terra negra, de que  
se evola um vapor tepido.

Da encosta fronteira descem já al-  
guns rebanhos precedidos das pasto-  
ras, que, descuidosas, de róca à cinta,  
fazem echoar pelos valles e quebradas  
dos montes uma alegre cantiga.

O astro-*rei vas inclinando a fronte*  
e desaparecendo do nosso horisonte  
visual.

Das habitações do *logar* sahem gros-  
sos rolos de fumo, signal de que as  
cosinheiras já se entreteem em prepara-  
r a ceia, para não fazerem esperar  
os trabalhadores que querem logo ir  
para o leito descansar das fadigas do  
dia.

«Tudo respira alegria» dissemos.  
Não, nem tudo são alegrias. No meio  
d'estas ha tristezas como entre as ro-  
sas ha espinhos!...

Na povoação de \*\* dois viadores ca-  
minham a passos agigantados para a...  
*Eternidade*. Já lhes não restavam mui-  
tos minutos de caminho.

Já o longo soffrimento lhes cavou as  
faces e encovou os olhos: uma pallidez  
mortal cobre igualmente o rosto d'am-  
bos, apesar da differença de suas eda-  
des.

Um terá os seus 80 annos; o outro  
tem apenas 23. Os olhos d'este ultimo  
gyram no fundo das orbitas e não que-  
rem desprender-se dos objectos que os  
cercaem.

Quão bellas coisas tinham visto!...  
e agora iam-se amortecendo, agora que  
seu dono lhes dava tanta distracção!...  
Oh! era duro!... E as palpebras tenta-  
vam em vão conservar-se alertas para  
deixar espelhar na retina os objectos  
circunvisinhos...

O velho, porém, tem o rosto soce-  
gado, o parecer tranquillo. De espaço  
a espaço, um sorriso, como de conso-  
lação, lhe assoma aos labios. Quem o  
visse n'esse momento não lhe daria  
mais idade do que ao mancebo.

Mas ah! nem um nem outro poderão  
mais conservar se no caminho que se-  
guem. Mais dois passos e elles passa-  
rão os limites do visivel...

Esses dois passos são dados, elles  
fecham os olhos, perdem os sentidos  
e... mais nada...

E soou logo a primeira badalada do  
1.º dobre a finados. Eram 6 horas.

### II

Se nos fosse dado comprehender a  
linguagem dos espiritos, perceberiamos  
o seguinte dialogo, travado entre dois  
que marchavam (se assim se pôde di-  
zer) ao longo de uma estrada:

—«Onde estou?... quem me accor-  
dou? dizia um d'elles... Pois não es-  
tava eu a dormir? Sim, estava; lembro-  
me, e tive um sonho, bem curto, ape-  
sar de ser de 23 annos.

Eu era pequenino. Uma mulher me  
alimentava e amava muito. Achava-me  
feliz.

Ella ensinou-me um nome—*mãe*—;  
este nome era doce e eu *saboreava-o*  
applicando-lh'o. Algumas vezes appare-  
ceu me um homem de aspecto severo,  
cujos olhares me punham medo e fa-  
ziam tremer.

Minha mãe ensinou-me outro nome  
igualmente dôce—*paç*—, mas que eu  
nunca pude applicar sem constrangi-  
mento ao marido d'ella, porque era  
brutal e espancava-me frequentemente,  
chegando a casa, altas horas da noite,  
n'um estado miseravel.

Mais tarde, tinha eu 14 annos, mi-  
nha mãe morreu e eu, pobre orphão,  
fiquei sósinho com o homem que tanto  
mal nos tinha feito e horror me cau-  
sava.

Fiz por o amar um pouco e por ex-  
tinguir a má opinião que d'elle con-  
servava. Elle, porém, não mudou de

vida, continuou a recolher tarde e n'um estado vergonhoso de embriaguez. N'estes momentos espancava-me á menor exprobração que lhe dirigisse, á menor recusa dos meus pequenos salarios, que elle queria devorar na taverna.

Emfim, tive de o abandonar, passando meio anno, dirigindo-me á cidade visinha, onde fui vivendo de industrias que me forneciam o necessario para prover á sustentação.

Vivi feliz até ao dia em que levado por alguns estroinas me deixei arrastar, pelos lupanares mais immundos, ao lodaçal do vicio e dos crimes.

Esgotei em breve as minhas diminutas economias, perdi o sentimento religioso que minha mãe me tinha insuflado e cheguei por fim, alquebrado de forças a desesperar e a desejar a morte. E em breve tive de voltar á terra natal, com mais 8 annos de idade e com uma doença incuravel.

Então é que comecei a ter amor á vida e esperanças de cura. Vãs esperanças!

Reconheço agora quão verdadeiras eram as evangelicas palavras do cura da minha freguezia que tanto instou commigo para receber os sacramentos da Igreja.

E eu, louco, recusei, a pretexto de que não estava em perigo de vida e de que aquillo *nada* valia... e elle com razão agourou mal do meu fim. Por isso recebi a mais terrivel das sentenças e aqui vou vergado ao peso do meu fardo.

Mas, não foi isto um sonho? Onde estamos nós?...

—«Ai, moço, dizes bem, a vida é um sonho, ou, antes, uma breve viagem; porque a nossa *Patria* não é a terra—é o Ceu. Mal dos que não seguem o verdadeiro e unico caminho n'esta viagem!... Bem sabeis onde estaes...»

Na nossa rectaguarda fica o *Mundo*. Não nos é dado voltar lá, nem eu d'elle trago saudades.

A minha viagem foi um pouco mais longa e penosa do que a vossa. Cada dia que passava era para mim mais uma esperança perdida, mais uma decepção.

Cheguei algumas vezes a lembrar-me de que no mundo só seriam felizes os maus!...

Mas não, isso nunca!... esses, embora pareçam felizes, nunca o são: lá teem a consciencia a accusal-os.

Felizes os que vivem sempre honradamente, dominando as suas paixões e guiando-se sempre pelos rectos caminhos traçados pelo Salvador e Mestre; e felizes os que teem pae e mãe para os guiar n'estes caminhos. Eu, infelizmente, fiquei orphão bem cedo. Minha

mãe exhalou a alma no momento em que eu via a luz do mundo.

Sem este amparo teria eu tambem sossobrado como tantos outros, se não fosse o nosso antigo vigario, Padre Joaquim.

Bom padre...

### III

E o ancião que já conhecemos foi interrompido na narração da historia da sua vida por alguns *individuos* que vinham chegando pelas diversas bifurcações do caminho. (1)

Como viandantes que seguiam o mesmo caminho, continuaram todos e o numero foi engrossando, porque novos personagens vinham chegando por diferentes atalhos.

Por fim já eram 20.

Dir-se-ia que n'aquelle momento a medicina deu mão á morte...

Uns levavam *fardos* bem pesados, tendo por isso os companheiros de os ir aguardando: outros menos carregados andavam todavia com custo; finalmente alguns, poucos, caminhavam desembaraçadamente, incansaveis, mais ageis que o vento.

Quasi todos iam tristes e silenciosos, e aquelles primeiros parecia terem na frente o *stygma* da maldição...

Em breve a larga estrada terminou e em frente havia apenas um pequeno atalho, atalho a ladear uma encosta quasi inacessivel. Todavia os da frente, leves como iam, metteram-se resolutamente na vereda, uns apoz os outros, tendo comtudo de afrouxar o *passo*, de quando em quando, para serem seguidos pelo resto da *caravana*. E os da rectaguarda, acabrunhados pelo *fardo mortal* de que ninguem os podia livrar, seguiam-os a custo, esbaforidos e maldizendo as galas do mundo.

De repente, aos pés dos *viandantes* surgiu um abysmo enorme. Levantavam-se do centro da terra enormes labaredas, nem comparaveis ás d'um vulcão.

Os da frente, ageis como o pensamento, ladearam o abysmo por entre espesso fumo que não os deixava ver os companheiros. Depois de terem transposto grande porção de espaço e já livres do fumo, pararam na clareira de um aprazivel valle, e com olhares anxiosos cada um procurava os seus coñhecidos companheiros.

O numero tinha diminuido consideravelmente. Estavam ali apenas 9.

(1) Comquanto o caminho para transpôr os houbraes da *Eternidade* seja só um—o da *Morte*—chega-se todavia a elle por diferentes ramificações ou atalhos, taes como: o da *Apoplexia*, o do *Duello*, o do *Suicidio* etc.

Os restantes, os dos *fardos* mais pesados, tinham desaparecido no abysmo para não mais de lá sairem.

N'este momento tangia 6 horas o sino de \* \*.

(Conclus).

## SECÇÃO ILLUSTRADA

Ah! maroto!

(Vid. p. 275)

O caçador, zangado por qualquer diabrura do rapaz, agarra-o pelos cabellos e procura infligir-lhe correctivo. O rapaz, vergado ao peso da herculea mão do caçador, estorce-se, chora, e busca libertar-se d'aquellas tenazes de carne e osso. É um quadro da vida real, e uma scena bastante frequente.

Voltae as patas

(Vid. p. 281)

O caçador atirou e feriu a caça. Esta, no estertor da agonia, espojou-se, e, morrendo, ficou de patas ao ar. O caçador, satisfeito da sua obra, diz, graçeando:—*Voltae as patas!*

## RETROSPECTO

*A maçonaria em Hespanha.*—No mez passado reuniu-se em Saragoça um congresso catholico, no qual tomaram parte varios Bispos. N'este congresso a franc-maçonaria, potencia infernal, foi tratada como devia.

Não gostaram d'isso os Il.º; e, para protestarem contra as verdades ditas no Congresso Catholico a respeito do que é e do que quer a maçonaria, publicaram o seguinte documento:

«A.º. G.º. D.º. e.º. A.º. D.º. U.º.

«A Loj.º. Cap.º. Os Puritanos a todos os que a presente virem L.º. I.º. J.º.

«Esta Loj.º. em sess.º. celebrada no dia 11 do mez actual resolveu: Protestar energicamente perante o mundo civilisado pelas calumnias e ultrages dirigidos á Ordem Maçonica pelos inimigos do progresso humano, na occasião em que se reuniram n'um chamado Congresso Catholico de Saragoça, e cujos anti-constitucionaes factos entendemos não podiam ter outro objectivo que desdourar o nome da culta e liberal Hespanha, ao mesmo tempo que malquistar-nos a consideração e a sympathia d'uma nação amiga.

«Cumprimos pois um grato dever de consciencia, unindo a este nosso protesto a mais fervente, sincera e entusiasta felicitação ao governo e povo italiano e com elle aos nossos Il.º da

velha Italia, que com tanta abnegação sustentam e cooperam, elevando-a à cuspide da gloria, a *grande epopeia* (!!!) que em dia feliz levou a cabo o *illustre caudillo* (?) da liberdade italiana, o M.: V.: Pod.: I.: Garibaldi.

«A Loj.: Os Puritanos faz ferventes votos para que a franc-maçonaria seja a estrella que continue a guiar o nobre povo italiano à bem merecida prosperidade de que goza.

«Barcelona, 13 d'outubro de 1890. —Ven.: M.: I. M. Plutão, gr.: 33; primeiro Vig.: D. P. Manganeli, gr.: 18; 2.º Vig.: F. M. Recaredo, gr.: 18; Or.: F. M. Bravo, gr.: 18; Sec.: C. Dalton, gr.: 3.»—(Segue-se um sello que diz: Os Puritanos. Or.: de Barcelona.)

Claro como agua que os Irmãos Tres Pontinhos não haviam de gostar do Congresso Catholico, porque este tem um fim diametralmente opposto ao da maçonaria. Os Congressos Catholicos servem para affirmar a vitalidade da Igreja e do Papado; e a instituição da maçonaria, de que é auctor Socio, obedeceu ao plano de destruir o Catholicismo e substitui-lo pelo gosticismo.

Esbravejem, porém, todos os Or.: do mundo, que não conseguirão derrubar a Igreja e o Papado. Prometteu-o Jesus Christo, e as promessas divinas não faltam.

«*Theologia Moralis*.—Foi publicada em Friburgo pela livraria pontificia de Herder a grande obra do Padre Lemkuhl, da benemerita Companhia de Jesus, intitulada—*Theologia Moralis*. Na Allemanha o erudito auctor é tido como o primeiro moralista da nossa epoca. A obra consta de 1:700 paginas em 8.º e trata todas as questões que devem chamar a attenção publica d'uma maneira especial em nossos dias. Os grandes mestres do Padre Lemkuhl foram Santo Thomaz e S. Alfonso de Ligorio.

*A França secularisadora*.—A camara municipal d'Elretat laicizou a escola dirigida pelas Irmãs, a requisição do governador civil.

As Irmãs foram substituidas por uma leiga protestante, segundo se diz, que ensinará o catecismo às crianças!

A deliberação da camara municipal foi tomada n'uma sessão em que esta questão não figurava na ordem do dia. Essa resolução tomou-se no fim da sessão, quando alguns dos vereadores mais influentes estavam ausentes.

D'ahi grande escandalo, porque a população d'Elretat ama as Irmãs e creê em Deus.

Abriam-se immediatamente subscrições para offerecer um asylo às boas Irmãs.

Querem saber o que a administração fez em face d'esta attitude da população?

Enviou aos domicilios um agente, que perguntava aos paes onde tencionavam enviar seus filhos, se às Irmãs, se à leiga?

Além d'isso, fizeram espalhar o boato de que aquelles que enviassem seus filhos às Irmãs não receberiam os socorros da secretaria de beneficencia e seriam riscados das sociedades de socorros mutuos!

Os catholicos não se atemorizaram:—continuaram a subscrição e vão insallar por sua conta as Irmãs.

Vivam os catholicos francezes!

*A Franc-Maçonaria em acção na Italia*.—O governador civil de Napoles, auctorizado pelo ministro do reino, que é o snr. Crispi., a pretexto d'averiguar se no convento das chamadas *Freiras vivas sepultas* havia religiosas encerradas alli à força, violou, com audacia verdadeiramente franc-maçónica, a clausura do dito convento, mandando arrombar a porta, e entrou n'elle com guardas civis e outros agentes da policia, obrigando as freiras a tirar os veus, e arrancando-lhos à força. Outro tanto fez dois dias depois o mencionado governador civil n'outro convento de Napoles, para certificar-se segundo disse, se o local era salubre e se estava bem ventilado.

O Em.º Cardeal Sanfelice, arcebispo de Napoles, protestou energicamente contra estes actos, e foi tanto o seu pesar por estes escandalos da auctoridade, que caiu enfermo.

Os jornaes crispianos bateram as palmas de contente por estes sacrilegios attentados da auctoridade e pediram mais. Ninguem se deve admirar. O Gr.: Or.: que é quem tudo manda na Italia, ordenou e foi mister obedecer.

Pobre Italia, em que mãos deste e a que estado lamentavel estás reduzida!

*Quam falliveis são os juizos humanos!*—Em 1876 o presidente da republica de Venezuela (Perfeito Iniciado, Grande Eleito Cavalleiro Kadosch.) dizia n'uma mensagem official: «Redigi uma lei que torna a Igreja Venezuelense independente do Bispo de Roma. lei que servirá d'exemplo a toda a America, a quem a Curia romana impede de caminhar nas vias da liberdade da ordem e do progresso»; e acrescentava: «Supprime-se a liberdade de prégar e de ensino de que gosava o clero.» Pois bem: hoje a dita Republica está reconciliada com Roma, e o presidente actual dá do seu bolsinho particular 20:000\$000 reis para a cons-

trução do templo do Sagrado Coração, que se levanta em Bogotá.

Quam falliveis são os juizos dos homens!

*Os patifes entendem-se*. . . — Os leitores talvez saibam que o chefe da maçonaria italiana, Gr.: Or.: Lemmi, é um *honrado* cidadão que, por *fraternidade e humanidade*, papou a Italia, no contracto dos tabacos, alguns milhões de liras; escandalo que foi tratado no parlamento italiano por Imbriani, mas abafado pouco depois pela maioria, que é capacho do snr. Crispi, gr.: 33. Pois este *honrado* cidadão, a quem alguns maçons, que ainda tem restos de vergonha, se pejam d'apertar a mão, acaba de receber uma carta de saudação de Crispi, como para votar agua na fervura e captar-lhe de novo as sympathias dos maçons dissidentes. Essa carta, que a *Revista da Maçonaria Italiana* publica, é do theor seguinte:

«Illustre e poderoso I.:, dirijo-vos minha fraternal saudação. Que o Grande Architecto do Universo (o tal Grande Architecto é Satanaz) vos proteja para bem da patria e da humanidade. —F. Crispi.»

Depois da carta de Crispi, Lemmi ficou limpo.

Parabens a um e outro. . .

*Conversão*.—O rev. J. H. Doe, vigario protestante de Eaton-Bray, á frente de cuja parochia estava ha vinte annos, converteu-se ao catholicismo. No ultimo domingo de setembro subiu ao pulpito pela ultima vez, annunciando aos seus freguezes, no final do sermão, cujo lemma era «Uma só fé», que abjurava o protestantismo e abraçava a fé catholica, em cuja communhão entraria no dia 1 d'outubro, como effectivamente entrou.

E os inimigos da Igreja a dizerem que a barca de Pedro se esborôa. . .

*Os Montes de Piedade são instituições catholicas*.—Os Montes de Piedade são instituições do catholicismo, mas não como hoje estão, que, na maior parte, são casas d'usura.

Quasi todos os auctores as attribuem a Barnabé de Feltre, dos Menores de S. Francisco, fundador dos Montes de Mantua, Parma, Montefiore, Montagnano, Chieti, Norni e Lucca. Foram os Montes uma consequencia de reacção contra a usura dos judeus, que então emprestavam aos pobres importantes quantias a 20, 40 e até 80 por cento, porque «o direito judio, como disse Michelet, caminhava por outras vias que o direito christão.» Outro franciscano, Paulo de Perusa, escreveu um *Tratado das sociedades commerciaes* o

agricolas. Fr. Fortunato de Copolis continuou os trabalhos de Fr. Bernabé de Felte. A instituição foi muito favorecida pelos Papas Paulo II, Sixto IV, Innocencio VIII, Alexandre VI e Julio II.

*O Ex.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo d'Evora.*—Com um grande aparato, para que principalmente concorreram a alta conta e sympathia de que tão justamente goza n'aquella archidiocese, fez no dia 13 do corrente mez, a sua entrada solemne, na sé d'Evora, s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup>, o Senhor Dom Augusto Eduardo Nunes.

Com o cabido, desembargadores da Relação, seminario, professores e em pregados do mesmo, e numeroso clero, abrillantaram, com a sua presença, aquelle acto, governador civil do districto, auctoridades administrativas, general e officialidade da guarnição, vereação do municipio, titulares, corporações e copioso numero de pessoas de todas as classes.

S. ex.<sup>a</sup> depois do *Te-Deum*, pronunçou uma d'aquellas suas allocuções, que encantam e tocam sempre, pela feição que lhes imprime o seu robusto talento e o seu caracter evangelico.

O ex.<sup>mo</sup> snr. Arcebispo foi muito cumprimentado, e objecto de bem significativas provas de estima. Evora exultou muito justificadamente. As musicas fizeram-se ouvir. Em todo o dia, e parte da noite, notou-se concorrência extraordinaria, nas ruas e praças.

Saudamos o illustre antistite, que tambem tem honrado esta revista, com os dons do seu saber e da sua sympathia; e enviamos os nossos parabens ao antiquissimo e mui notavel arcebispo d'Evora, por haver agora, por modo effectivo, à sua testa, o dignissimo successor dos apóstolos, que, pelos dotes de um espirito superior e prendas do coração, ha de continuar a saber sustentar o lemma de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres—*lucera et arde re*, e corresponder ao que, a seus discipulos Timotheo e Tito, recommendava S. Paulo: *Opportet Episcopum irreprehensibilem esse.*

*Apostolado da Oração.*—Foi nomeado director do Apostolado da Oração, em tre-muros de Lisboa, monsenhor dr. Alfredo Elvino dos Santos, secretario do snr. Cardeal Patriarcha, e muito digno prior em Santa Engracia. Estimamos. S. ex.<sup>a</sup> ha de ser um director zeloso e muito util á associação do Apostolado.

*Errata.*—No numero precedente, pag. 268, ultima columna, por effeito de calligraphia confusa e menos bem legivel, saiu errado o verso 29.<sup>o</sup>. Deve ler-se:

que do Parnaso outr'ora, as vasesas deleitosas,

F.

## ANNUNCIOS

### CRITICA À CRITICA

PELO

PADRE SENNA FREITAS

1 volume . . . . . 120 réis

MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

### Oração funebre

DO EX.<sup>MO</sup> E REV.<sup>MO</sup> SNR.

D. João Rebello Cardoso de Menezes

Arcebispo Titular de Larissa  
Coadjuutor e futuro successor de Lamego

RECITADA NAS SOLEMNES EXEQUIAS

CELEBRADAS NO SEMINARIO CONCILIAIR DE BRAGA

NO DIA 10 DE JULHO DE 1890

Editor—JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA

Preço=250 rs.—franco de porte

A' venda:—No Porto—Em casa do editor, rua da Picaria, 74 e nas princi-

paes livrarias; em Braga—Na Livraria Escolar, rua Nova do Souza, 47; em Guimarães—Na Livraria Internacional de Teixeira de Freitas (successores); em Lamego—Na livraria de Manoel d'Almeida Azeredo, rua da Olaria.

## SERMÕES

DO

P.<sup>o</sup> AGOSTINHO DE MONTEFELTRO

Chegaram ultimamente de Roma os notaveis *Sermões* d'este eminente orador, prégados na igreja de S. Carlos, em Roma, durante a Quaresma de 1889, traduzidos e publicados pela redacção da «Correspondencia de Roma.»

Os dous volumes nitidamente impressos 1\$600 rs. Os mesmos pelo correio 1\$680 rs.

A' venda no deposito central de J. B. Carlos das Neves, rua das Flores, 224—Porto, e em Guimarães, na livraria de Teixeira de Freitas.

## HISTORIA

DE

# SANTA MONICA

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissoão do auctor em 1884 pela

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

2.<sup>a</sup> edição portugueza

Preço. . . . . 600 réis

Pedidos com a importancia a Teixeira de Freitas, successores—Guimarães.

## MANUAL DA PIA UNIÃO

DAS

# FILHAS DE MARIA

SOB O PATROCINIO DE SANTA IGNEZ V. E M.

Compilado do Manual da União Primaria de Roma, do mesmo titulo,  
e de outros livros de piedade

PELO CONEGO

DR. ANANIAS CORRÊA DE AMARAL

E APPROVADO PELO EX.<sup>MO</sup> E REV.<sup>MO</sup> SNR. BISPO DE PERNAMBUCOE approved e indulgenciado pelos Em.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Snrs.

Cardeal Patriarcha de Lisboa, e Cardeal-Bispo do Porto

e pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Director Geral da Pia União, em Roma

Este livrinho, indispensavel a todas as Filhas de Maria, por conter os estatutos da Pia União, e a regra que todas devem seguir, é tambem um verdadeiro livro de devoção, pois que além das orações de missa, confissão, communhão etc. etc. tem um copioso numero de devoções, praticas de piedade etc. etc. etc.

1 vol. de 480 paginas, com capa de percaline . . . . . 400

Em melhor papel, folhas douradas etc. . . . . 600

Pedidos com a importancia aos successores de Teixeira de Freitas —

Guimarães.